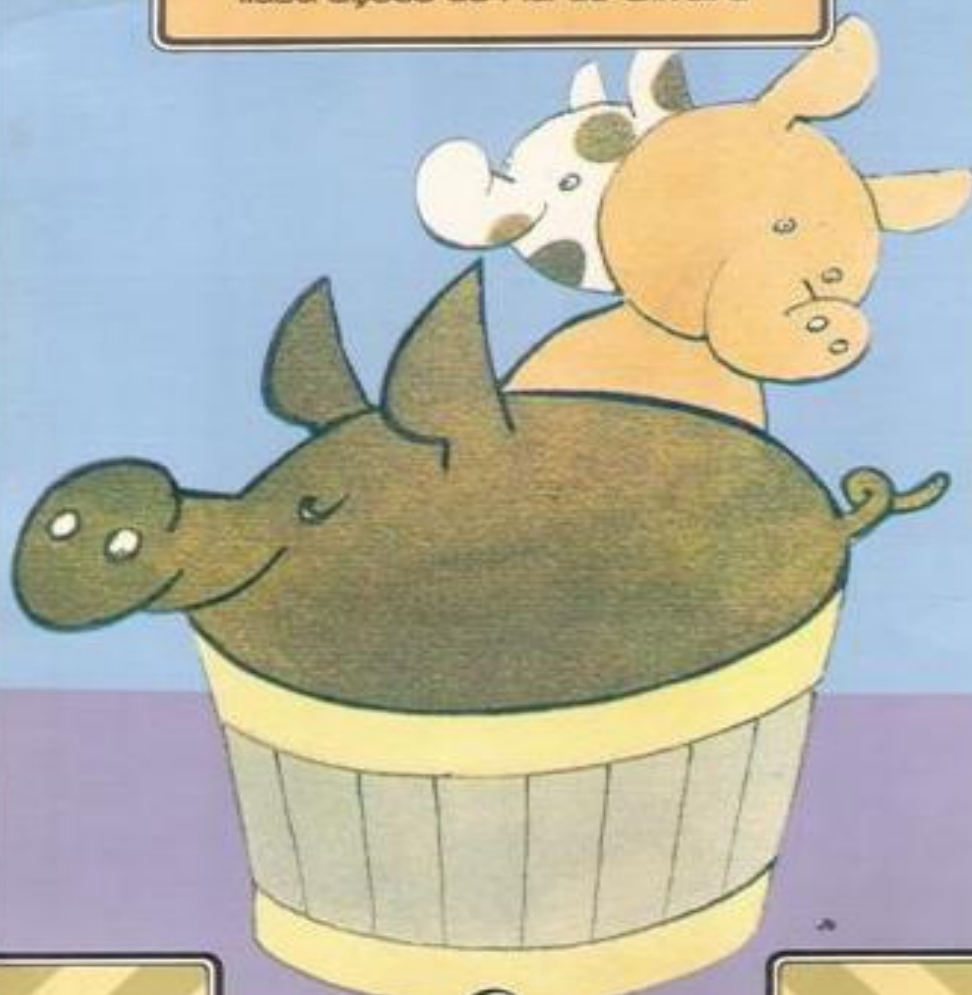


ERICO
VERISSIMO

**OS TRÊS
PORQUINHOS POBRES**

Ilustrações de Rui de Oliveira



OS TRÊS PORQUINHOS POBRES

Ilustrações de Rui de Oliveira

EDITORA

GLOBO



Era uma vez uma casa. A casa tinha um quintal. O quintal tinha um chiqueiro. O chiqueiro tinha três porquinhos. Os porquinhos eram irmãos. O mais velho se chamava Sabugo e era preto. O do meio se chamava Salsicha e era ruivo. E o mais moço se chamava Linguicinha e era malhado.

O quintal era muito pobre. Tinha um cachorro magro, um falo gordo, uma galinha arrepiada e um burro orelhudo.

O cachorro vivia triste porque na encontrava gato para brigar com ele. A galinha andava muito contente porque era magra e a cozinheira não se lembrava de levá-la para a panela. O galo era um sujeito vaidoso, cantava como tenor e sabia sempre as horas direitinho – isto só porque tinha engolido um relógio despertador. O burro pensava que era muito importante: contava histórias para os outros bichos, assim como eu estou contando agora para vocês (A diferença é que eu ainda não sei sacudir as orelhas nem zurrar: estou aprendendo.)

Um dia Sabugo botou a mão na cabeça. Fechou os olhos e começou a roncar.

Salsicha olhou e disse:

- Está doente. Comeu demais.

Linguicinha soltou uma risada e falou:

- Mano Sabugo está pensando na namorada.

O porco mais velho tinha uma namorada que morava no chiqueiro da casa da vizinha.

Mas Sabugo abriu os olhos e disse:

- Nossa vida é muito triste. A gente vive dentro deste chiqueiro. Não vai aos cavalinhos. Não vai ao cinema. Não vai a parte nenhuma. Isto é uma vida de cachorro!



O galo gordo ouviu a conversa, trepou em cima da cerca, esticou o pescoço, abriu o bico e cantou:

- Cocoricó! Cocoricóóó! Quem nasceu porco fica porco a vida inteira!

Sacudiu as asas, desceu para o chão e começou a apassear muito orgulhoso, como se fosse um general.

- Au! Au! - latiu o cachorro. - Nunca ouvi voz mais horrível que a desse galo gordo.

O galo não deu importância ao que o cachorro dizia.

A galinha arrepiada bicou uma minhoca e disse baixinho:

- A voz do galo gordo é a mais bonita do mundo. Nunca vi ninguém tão invejoso como esse cachorro vira-lata.

- Quem é que é vira-lata? – berrou o cachorro.

Tinha ouvido tudo. Estava de orelhas em pé. Deu um pulo e atirou-se de boca aberta em cima da galinha. A coitada da galinha começou a correr e a gritar por todo o quintal. O cachorro, atrás. O galo achou melhor trepar de novo na cerca e ficar olhando. Os três porquinhos se puseram na ponta dos pés e espiaram por cima das tábuas do chiqueiro.

Então veio o burro, segurou o cachorro e disse:

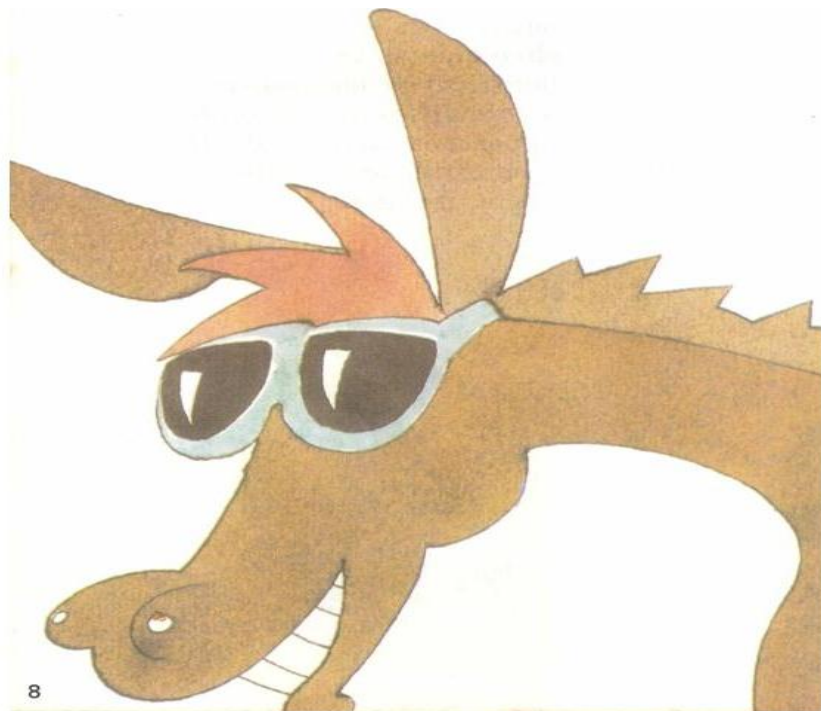
- Não briguem, meninos!



Eu disse que o burro tinha óculos? Não disse. Pois é. Tinha óculos escuros. Não enxergava bem. Era muito velho.

Pois o burro limpou os óculos e continuou a falar:

- Não devemos brigar. Todos os bichos são filhos de Deus. Todos os bichos são irmãos.



O galo falou em cima da cerca:

- Eu não sou irmão desse cachorro malvado.

Por que o galo foi dizer isso? O cachorro ficou furioso e já queria avançar no cantor. O burro pediu calma. A galinha arrepiada estava tremendo. Ninguém sabia se era de frio ou de medo.

Os porquinhos se sentaram cada um na sua cadeirinha.

- Vida triste! - disse lingüicinha, suspirando.

- Somos três prisioneiros! - exclamou Salsicha.

Então Sabugo começou a cantar uma cantiga muito sentida, muito tristonha, uma cantiga de voz tremida, uma cantiga que era assim:

*Sou um pobre prisioneiro Que vive neste
chiqueiro*

E que nunca tem dinheiro ...

E... e....

Sabugo embatucou. Tinha a mania de fazer versos. Achava que era o melhor poeta do mundo. Mas começou a gaguejar e o verso não terminava ...

Então Sabugo ficou muito vermelho e acabou chorando. Era porco mas tinha vergonha na cara. De repente Lingüicinha teve uma ideia e começou a dançar. Sempre que tinha ideias, dançava.

- Vamos fugir, minha gente! - gritou ele.

Salsicha torceu o rabinho para pensar melhor.

Sabugo ficou num pé só para clarear as idéias.

- Vamos consultar o burro - disse Salsicha.

- Vamos consultar o burro - repetiu Sabugo.

Foram.

O burro estava na sua casa fumando cachimbo e lendo jornal.

- Seu burro - disse Lingüicinha -, o senhor é um homem muito inteligente e nós vimos lhe perguntar se devemos ou não fugir desse quintal.

O burro dobrou o jornal e largou-o em cima da mesa. Deu um chupão no cachimbo, cruzou as pernas, olhou para os três porquinhos por cima dos óculos e falou:

- Meninos, não sejam loucos. Não é direito fugir.

Cadaum deve ficar contente com a vida que tem.

Salsicha deu dois passos à frente e gritou:

- O senhor diz isso porque é burro e não corre perigo de ir para o forno no dia de Natal ...



Sabugo também se meteu:

- Não é o senhor que vai para a mesa assado, todo enfeitado com rodelinhas de limão!

Lingüicinha se entusiasmou, deu uma viravolta e disse:

- Não precisamos dos seus conselhos. Vamos embora pessoal!

Os três porquinhos voltaram para casa.

O burro encolheu os ombros. Não tinha nada com a vida dos três irmãos. Estava velho e não queria meter-se em barulhos.

Anoiteceu. Apareceu no céu uma Lua de cara inchada. O galo saiu para o meio do quintal e cantou:

- Corococó, boa noite, dona Lua! A Lua fez uma careta e respondeu:

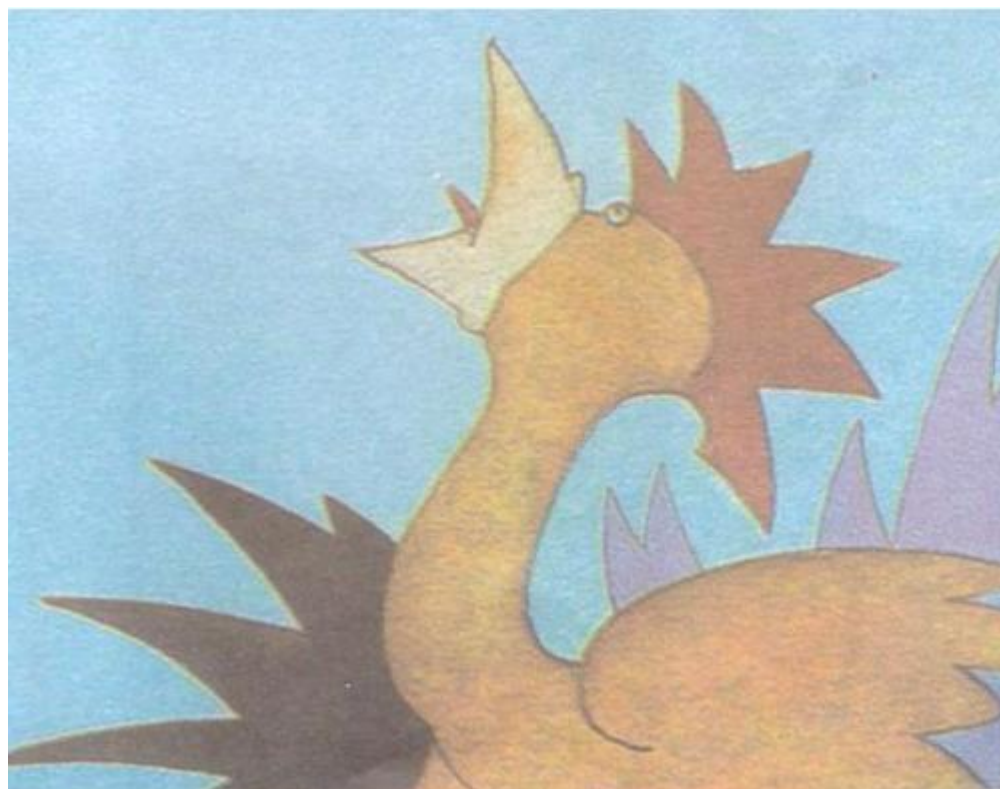
- Não me amole, galo bobo! Estou com dor de dente.

Então o cachorro, que era muito intrometido, ladrrou:

- *Au! Au! Au!* Se a senhora está com dor de dente, por que não vai ao dentista?

- É mesmo! - gritou a Lua, admirada. - Eu não me lembrei disso!





Botou o chapéu na cabeça e foi para o dentista. O céu e a Terra então ficaram muito escuros. Sozinhas, as estrelinhas não tinham forças para alumiar. E mesmo começaram a tremer de medo e acabaram entrando para dentro de suas casas.

Aproveitando a escuridão, os três porquinhos saíram na ponta dos pés na direção do portão da rua.

Meu coração está fazendo toc-toc... toc -toc... - disse Salsicha.

- O meu está quase parado... - disse Sabugo.

Linguicinha quis dizer que era muito valente e inventou:

- Pois eu não tenho coração!

Encontraram o portão aberto e fugiram.

Caminharam muito tempo sem falar. Estavam assustados.
Muito movimento na rua. Passavam automóveis.

Um cachorro parou na calçada e disse:

- Onde será que vão aqueles três bocós? Quá! Quá! Quá!

Os porquinhos olharam para ele com o rabo dos olhos.

- Está nos provocando... - disse Sabugo.

- Não vamos dar confiança... - aconselhou Salsicha.

Mas Linguicinha, que era o herói do grupo, virou a cabeça e berrou:

- Vira-lata covarde! Pula para a rua se queres brigar!



O cachorro pulou mesmo. E de dentes arreganhados, rosnando.

Você esperou o cachorro para brigar? Pois nem os três irmãos ... Quando viram as dentuças do vira-lata, meteram o pé no mundo e saíram a correr como loucos.

Quando deram pela coisa, estavam no centro da cidade, perdidos no meio do movimento.

Os homens, as mulheres e as crianças que passavam ou estavam parados à beira das calçadas apontavam para os porquinhos, gritavam e riam.

Um guarda levantou o pauzinho e correu para eles.

De mãos dadas, roxos de medo, Salsicha, Sabugo e Lingüicinha começaram a correr de novo.

Foram parar na frente dum cinema.

Lingüicinha bateu palmas.

- Um cinema! Viva! Vamos ver a fita!

Sabugo, que era o mais ajuizado dos irmãos, resmungou:

- Cala a boca, maninho. Isso não é cinema de bicho. É cinema de gente.

Lingüicinha sacudiu os ombros e foi olhar os cartazes. Num deles estava escrito:

HOJE! HOJE!
O LOBO MAU
As aventuras dos
3 LEITÕEZINHOS
de
Walt Disney

- Sabugo leu o letreiro e ficou assanhado. Salsicha convidou:
- Vamos entrar?
 - Com que dinheiro? - perguntou Sabugo ...
 - Sem dinheiro nenhum - disse Lingüicinha.
 - O porteiro não nos enxerga.



Então os três combinaram um plano.

Naquele momento estava entrando muita gente no cinema. Os três porquinhos se meteram debaixo das pernas das pessoas que entravam, e assim entravam no cinema. Esconderam-se debaixo das cadeiras da primeira fila.

Apagou-se a luz. Começou a fita. Era a história do Lobo Mau.

- Que lindo! - disse Linguincinha.

- Cala a boca! - cochichou Sabugo.

Salsicha estava achando tudo tão bonito, que até havia perdido a fala.

No pano branco do cinema, os três porquinhos conversavam e se mexiam. A história era assim:

O porquinho mais velho era muito trabalhador. Estava fazendo uma casa.

Aquele sou eu - disse Sabugo, muito contente, cutucando os irmãos com o cotovelo.

Os outros dois porquinhos eram vagabundos e só gostavam de andar na vadiagem, cantando e tocando música. Um tocava violino.

- Aquele do violino sou eu! - cochichou Salsicha.

E o mais moço tocava flauta.

- O do trombone sou eu! - disse Linguicinha.

Sabugo soltou um ronco e corrigiu:

- Não sejas burro, mano, aquilo não é trombone, é uma flauta.

Mas, como eu estava contando, a história do cinema era assim:

Enquanto o porquinho mais velho trabalhava, os mais moços tocavam flauta e violino e dançavam. Um dia disseram que iam passear na floresta.

- Cuidado com o Lobo Mau! - recomendou o mais velho.

Os outros desataram a rir e retrucaram:

- Nós não temos medo do Lobo Mau! Há-há-há-há!

E se foram.



Na floresta encontraram a menina do Chapeuzinho Vermelho. Era uma pequena muito engraçadinha, que ia com um cesto no braço levar bolinhos e um pote de geléia para a sua avozinha que morava no meio do mato.

O Lobo Mau estava escondido e viu que Chapeuzinho Vermelho vinha vindo. Então se fantasiou de fada e ficou pendurado pelo suspensório no galho duma árvore, fingindo que estava voando.

Chapeuzinho Vermelho chegou com os dois porquinhos atrás, tocando música e marchando no compasso.

Os três pararam, vendo o Lobo Mau. Pensaram que ele fosse mesmo uma fada. Porque o bicho falou com voz tão fina e sacudiu sua varinha de condão com uma estrela na ponta. Mas o suspensório arrebentou, a fada de mentira caiu e Chapeuzinho Vermelho e os dois porquinhos, vendo o lobo, deitaram a correr.

O Lobo Mau teve então outra idéia. Em vez de seguir pela estrada, tomou um atalho e chegou primeiro à casa da avozinha. Bateu na porta.

- Entre - disse a boa velha, pensando que era a netinha.

O lobo entrou. A velha viu o perigo e se fechou no guarda-roupa.

O Lobo Mau vestiu a camisa e a touca da avozinha e se meteu na cama.



Quando Chapeuzinho Vermelho chegou e entrou e veio para perto da cama da avozinha, começou a estranhar os olhos, os dentes dela ... Depois é que descobriu que quem estava ali era o lobo. Deu um grito e fugiu. O lobo saltou da cama e saiu atrás da menina. A avozinha abriu a porta do guarda-roupa e pescou a netinha com o cabo dum guarda-chuva.

Lá fora, os dois porquinhos vagabundos viram tudo e, tremendo de medo, correram para casa e se meteram debaixo da cama.

O porquinho trabalhador, sabendo do que se estava passando, meteu numa maleta um pacote com milho de pipoca e correu para a casa da avozinha. Chegando lá, viu que o Lobo Mau estava fazendo força para abrir o guarda-roupa. Avançou sem barulho até perto do bicho mau e despejou-lhe dentro das calças todos os grãos de milho de pipoca. Depois agarrou uma pá, tirou brasas do fogão e despejou também as brasas no mesmo lugar. As pipocas começaram a crescer e a estralar. O Lobo Mau levou um susto danado e desandou a dar pinotes, louco da vida. Pulando e gritando, saiu correndo porta afora e se sumiu na floresta.

A fita ia neste ponto quando Lingüicinha, entusiasmado, começou a berrar:

- Aí, Lobo Mau! Conheceste o muque dos porquinhos?!
 - O bichão foi o porco mais velho. Viva eu! - berrou Sabugo.
 - Viva todos os porcos do mundo! - gritou Salsicha. - Abaixo os lobos!
- E começaram os três a dar pinotes e a roncar.

Lingüicinha, louco de entusiasmo, deu uma mordida no calcanhar duma velha que estava sentada na cadeira por cima dele.

- Ui! Um bicho me mordeu! - gritou a velha, levantando-se.

Foi um horror. Na escuridão do cinema toda a gente começou a gritar. Correrias para todos os lados.

- Vamos embora! - disse Sabugo.

Aproveitando a confusão e a escuridão, os três porquinhos fugiram. Saíram a correr pelas ruas. Quase ficaram debaixo dos automóveis e bondes.

Só respiraram quando se viram no campo, longe da cidade.

Sentaram-se na beira duma estrada e começaram a pensar.

- E agora? - perguntou Sabugo.

Salsicha encolheu os ombros. Lingüicinha não disse nada.





A noite estava clara. Dona Lua achava-se de novo no seu lugar, com a cara desinchada, muito contente da vida. Tinha tirado o dente. Quando o dentista disse que o serviço custava vinte cruzeiros, ela respondeu que não tinha dinheiro mas tinha jóias. E deu para o dentista a estrela mais bonita do céu. O dentista fez com ela um pregador de gravata.

Sabugo olhou para cima.

- Dona Lua, a senhora que tem vivido muito, que já viu muitas coisas, diga que é que devemos fazer agora.

A Lua não gostou muito de ouvir dizer que ela era velha. Mas sorriu e respondeu:

- Vocês viram a fita dos três porquinhos? Pois bem, vocês não são três porquinhos?

- Semos - disse Lingüicinha.

Sabugo corrigiu o irmão.

- Somos.

- Perfeitamente - continuou a Lua. - Pois imitem os porquinhos do cinema. Saíam em aventuras pelo mundo ...

Os três porquinhos pobres começaram a bater palmas e a dançar, muito satisfeitos com o conselho da Lua.

Depois, cansados das travessuras da noite, deitaram-se a dormir debaixo duma árvore e só acordaram quando o Sol já estava alto.

- Não gosto daquele sujeito ... - disse Salsicha, apontando para cima.

- Que sujeito? - perguntou Sabugo.

- O Sol...

- Fala baixo, que ele pode ouvir ...

Mas o Sol não ouviu, porque estava ainda com muito sono. Fazia pouco que tinha levantado da cama.

Os três porquinhos lembraram-se do conselho da Lua. E começaram a se preparar. Chegaram a um lugar onde a carroça do lixo despejava todo o cisco da cidade.

Sabugo apontou para o monte de papéis velhos, latas, garrafas, cacos, caixas e disse:

- Ali está o nosso guarda-roupa.

Os três porquinhos pobres começaram a procurar no lixo as roupas e instrumentos para ficarem parecidos com os três aventureiros do cinema.

Sabugo botou na cabeça um saco de papel e levou ao ombro uma enxada velha. Salsicha agarrou uma caçarola furada e fez com ela um boné; pegou um violão quebrado e um pedaço de pau e disse:

- Aqui está meu violino.

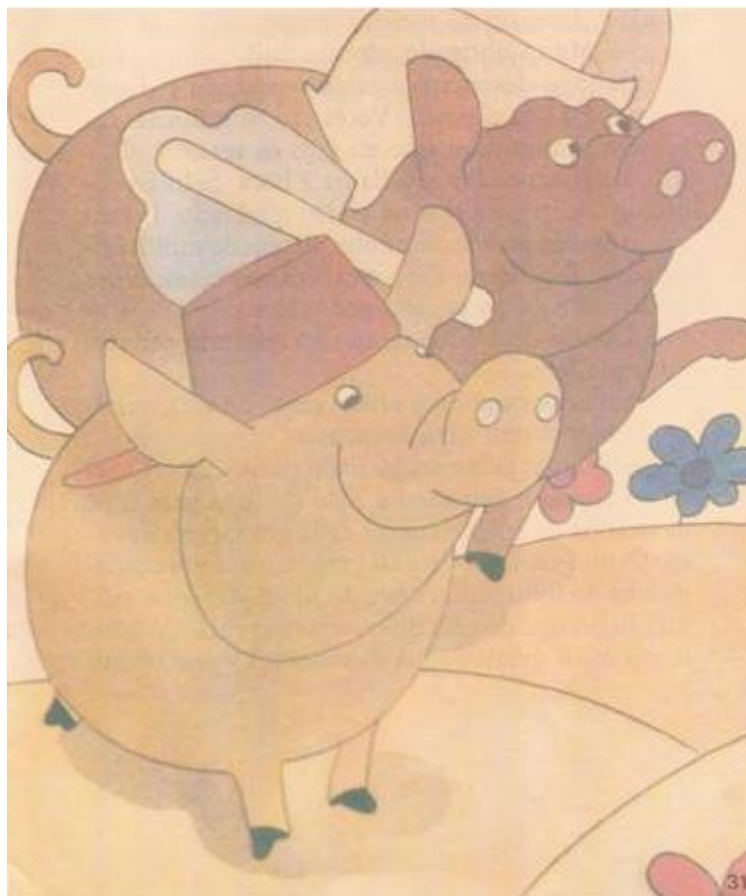
Lingüicinha infiou na cabeça um funil, feito chapéu. Agarrou um pedaço de taquara e gritou:

- Aqui está a minha flauta.

Muito contentes da vida, os três irmãos começaram a pular e a dançar. Depois pararam. Pensaram. Olharam-se.

- Falta alguma coisa...., .. - disse Salsicha.

- Falta mesmo ... - concordou Sabugo:



- Que será? - perguntou lingüicinha. O Sol soltou um berro:

- Burros! Falta a canção! Falta a música!

Os três porquinhos olharam para o Sol, tiraram os chapéus (o saco de papel, a caçarola furada e o funil) e disseram ao mesmo tempo:

- Muito obrigado, doutor Sol!

Sabugo descansou a enxada no chão e disse:

- Eu sou o poeta. Vocês são os músicos. Inventem uma música que eu faço os versos.

Lingüicinha levou a flauta à boca. Salsicha começou a esfregar a ripa no violão quebrado. Inventaram os dois uma musiquinha, depois de muito brigarem e discutirem. Com a cabeça nas mãos, olhos fechados, Sabugo pensou nos versos.

Depois de algum tempo estava tudo pronto, música e letra.

Saíram cantando a nova canção. Agora só faltava encontrarem uma aventura.

Seguiram pela estrada. Fazia muito calor. O Sol estava suando. Estendeu a mão de fogo para uma montanha da Suíça e trouxe de lá um sorvete de coco. Depois espichou mais o braço e, com uma canequinha de folha, tirou água do Rio Amazonas; partiu um pedaço de gelo dum *iceberg* do Mar do Norte e com ele gelou a água da caneca. Depois tomou toda a água dum gole só. Fez tanto barulho, que uma nuvem se assustou, tremeu, pôs-se a chorar e a derramar lágrimas.

Sabugo estendeu a mão e disse:

- Está chovendo.

Mas o choro da nuvem cessou logo, porque um corvo que ia passando ficou com pena dela e foi à farmácia buscar-lhe um remédio para os nervos.

Os três porquinhos continuaram a caminhar até que avistaram uma floresta.

- Ali está a floresta encantada - disse Sabugo.

- Vamos encontrar Chapeuzinho Vermelho - disse Salsicha.

- E o Lobo Mau! - gritou Lingüicinha.

Os irmãos pararam e se olharam, desconfiados. Todos estavam com medo de entrar no mato, e nenhum queria confessar.

- Estão com medo? - perguntou Sabugo.

- Eu não! - disse Salsicha.

- Eu também não! - berrou Lingüicinha.

Continuaram a andar e entraram no mato.

Para esconder o medo, puseram-se a cantar. As árvores todas tapavam a boca com as mãos para não rirem.

Os porquinhos iam cada vez se afundando mais na floresta

...

Sentiram fome. Pararam.

- Olha uma pitangueira! - gritou Salsicha.

Começaram a apanhar pitangas para comer.

A pitangueira, que estava dormindo, sentiu uns beliscões no corpo e acordou.

- Malvados! - gritou ela. - Vou chamar a polícia.

Pegou o telefone e ligou para a Chefatura de Polícia.

Os porquinhos estavam tremendo de medo, porque nunca tinham visto uma árvore falar.

- E da polícia? - perguntou a pitangueira.

- Mandem ligeiro uma patrulha para prender uns vagabundos que vieram roubar as minhas jóias.

Os porquinhos queriam fugir, mas o medo era como chumbo nas pernas deles.

A pitangueira, com as mãos na cintura, batia com os pés no chão, assim com jeito duma comadre zangada.

De repente se ouviu uma buzina no mato. O grito da sereia foi ficando mais forte, mais forte ... Apareceu um automóvel. Desceram dele cinco macacos fardados como polícias. Na frente vinha o sargento, fumando charuto.

- Em nome da lei, estão presos! - gritou ele, caminhando para os porquinhos.

E os três irmãos foram para a cadeia. O delegado era uma raposa muito velha, que usava óculos. Fez perguntas aos prisioneiros. Perguntou quantos anos tinham, se eram casados, como se chamavam ... Depois disse:

- Cinqüenta cruzeiros de multa.

Os porquinhos declararam que não tinham dinheiro. A raposa então mandou levar os três para a cadeia. A cadeia ficava numa gruta. Os porquinhos foram para a mesma cela em que se encontrava um tatu.

- Como é o seu nome? - perguntou-lhe Sabugo.

- Conde de Monte-Cristo - respondeu o tatu.

Contou que estava muito velho, que se achava preso ali havia muitos, muitos anos, por causa de política.

Os porquinhos ficaram muito tristes, pensando no tempo que ainda tinham de ficar ali fechados. Mas o tatu cochichou:

- Faz vinte anos que estou preparando a minha fuga.

Olhem ...

Afastou uma pedra e mostrou um buraco muito grande que ia dar na estrada.

- Com as minhas unhas cavei este buraco. Hoje vou fugir. Querem vir comigo?

Os porquinhos se alegraram e disseram que sim.



Ao anoitecer, fugiram. O tatu apertou as mãos dos porquinhos, despediu-se e saiu caminhando, apoiado num bastão. Era um tatu de barbas brancas, muito instruído.

Os três irmãos seguiram pela primeira estrada que encontraram.

A meia-noite chegaram ao centro da floresta. Viram um clarão. Ouviram barulho de música. Aproximaram-se. Ficaram de boca aberta. Era uma festa de cobras. Cobras de todas as espécies, de todos os tamanhos, de todos os feitios, de todas as cores.



Os vagalumes, trepados em galhos de árvores, faziam o papel de lâmpadas elétricas para iluminar a festa. A orquestra era muito original. Cinco cobras pretas assobiavam e cinco cascavéis sacudiam os guizos e faziam o acompanhamento de tambor. Bem no centro dum círculo formado pelos espectadores, umas doze cobrinhas vermelhas e pretas dançavam, vestidas como bailarinas.

- Acho melhor a gente ir embora ... - disse Sabugo.

Os outros concordaram. E se foram.

Encontraram depois uma festa de sapos. Era mais bonita do que a festa das cobras. Um banhado enorme, cheio de flores graúdas. Em cima de cada flor estava um sapo verde. Bem no centro, em cima da flor maior, via-se acorado o sapo mais gordo, que era o maestro. Tinha uma batuta na mão e com ela marcava o compasso. Os outros cantavam, segurando nas mãos o livro onde estava escrita a música e a letra.

Os porquinhos ficaram encantados. Nunca tinham ouvido em toda a sua vida vozes mais bonitas. As sapos cantavam fino. Os sapos cantavam grosso. Havia um sapo barrigudo que era o baixo. Quando dava uma nota grossa, o papo dele descia e subia. E as árvores estremeciam.

O maestro fez um sinal. Os sapos se calaram. Então o sapo baixo começou a cantar sozinho, muito convencido. Enchia a barriga de vento para dar as notas mais fortes. Mas num momento engoliu tanto vento que a barriga arrebentou com um estouro. Que susto! Os sapos saltaram todos ao mesmo tempo e afundaram na água do banhado.

Os porquinhos seguiram seu caminho.

Tiveram a sorte de encontrar em cima duma pedra um ovo de avestruz.

- Vamos fazer uma gemada? - propôs Salsicha.

Os outros concordaram. Quebraram o ovo e despejaram a clara e a gema no chapéu de Salsicha, quero dizer: na caçarola.

- Falta açúcar! - disse Sabugo.

Lingüicinha tirou o funil da cabeça e olhou para a Lua e pediu:

- Vizinha Lua, a senhora pode nos emprestar meio quilo de açúcar?



A Lua foi à sua despensa ver se tinha ou não tinha açúcar em casa. Tinha.

- Tome! - disse ela, despejando lá do alto a sua lata de açúcar.

Salsicha ergueu o funil. O açúcar da Lua caiu no funil e escorreu para a caçarola. Com a enxada, Sabugo bateu a gemada e os três mataram a fome que já estava fazendo a barriga deles roncar.

Deitaram-se e dormiram.

No dia seguinte continuaram a caminhar. Encontraram na estrada uma menina que estava colhendo flores, muito contente. Levava no braço um balaio e tinha na cabeça uma carapuça verde.

Os três porquinhos bateram palmas.

- Olha a Menina do Chapeuzinho Vermelho! - gritou Salsicha, que não sabia distinguir direito as cores .

- E mesmo! - disse Lingüicinha .

- E mesmo! - repetiu Sabugo.

Aproximaram-se dela.

- Cuidado com o lobo! - disse-lhe Sabugo.

- Que lobo? - perguntou a menina.

- O Lobo Mau ... - explicou Salsicha.

A menina sacudiu os ombros e continuou a colher as flores.

- Eu sei ... - falou Lingüicinha. - Tu és a Menina do Chapeuzinho Vermelho.

- Não sou - respondeu a pequena. - Meu chapéu é verde.

Mas os porquinhos estavam doidos por entrar numa aventura igual à dos porquinhos do cinema. Insistiram:

- E sim! - Nós sabemos ... Não vais à casa da tua avozinha?

- Vou - respondeu a menina.

- Pois é - continuaram os porquinhos. - O lobo comeu a tua vovó. Nós somos os três irmãos valentes e vamos salvar a tua vida e a vida de tua vovó.

A menina desatou a rir e disse:

- Nunca vi três porquinhos mais bobos em toda a minha vida! Ai! Ai! Vocês só prestam assadinhos no forno, enfeitados com salsa e rodelinhas de limão! Ai! Ai!



Saiu pulando e cantando.

Os porquinhos ficaram muito desiludidos. Mas resolveram seguir a menina da carapuça verde.

Viram que ela entrara numa casa de telhado vermelho. Espiaram pela janela. Ficaram muito assustados, porque em cima da cama, metida nas cobertas, só com a cabeça de fora, estava uma criatura horrível. Olhos ferozes. Cara enrugada. Mãos e unhas grandes. Dentuças afiadas saindo para fora da boca.

- E o Lobo Mau! - disse Sabugo, baixinho.

- Decerto já engoliu a avó da menina! - disse Salsicha.

- Vamos salvar a pequena! - propôs Lingüicinha, que tinha esperanças de acabar noivo da Menina do Chapeuzinho Vermelho.

Salsicha pegou um pau. Lingüicinha agarrou duas pedras. Sabugo segurou firme a sua enxada. Entraram na casa.

Chapeuzinho Verde estava conversando com o lobo. A voz do lobo era assustadora.

Os três irmãos avançaram. Um levantou a enxada. O outro ergueu o porrete. O mais moço fez pontaria com uma das pedras ...

E, de repente, saiu do canto da sala um homem muito grande, armado dum rebenque:

- Corja de vagabundos! Que é que vocês estão fazendo na minha casa?

E começou a surrar os irmãos. Lept! Lept! Lept!

Os três porquinhos romperam a gritar e a correr. Queriam fugir, mas a porta estava fechada com o trinco. Ficaram os três num canto, de joelhos, tremendo, de mãos juntas, pedindo perdão:

- Seu doutor, não nos mate!

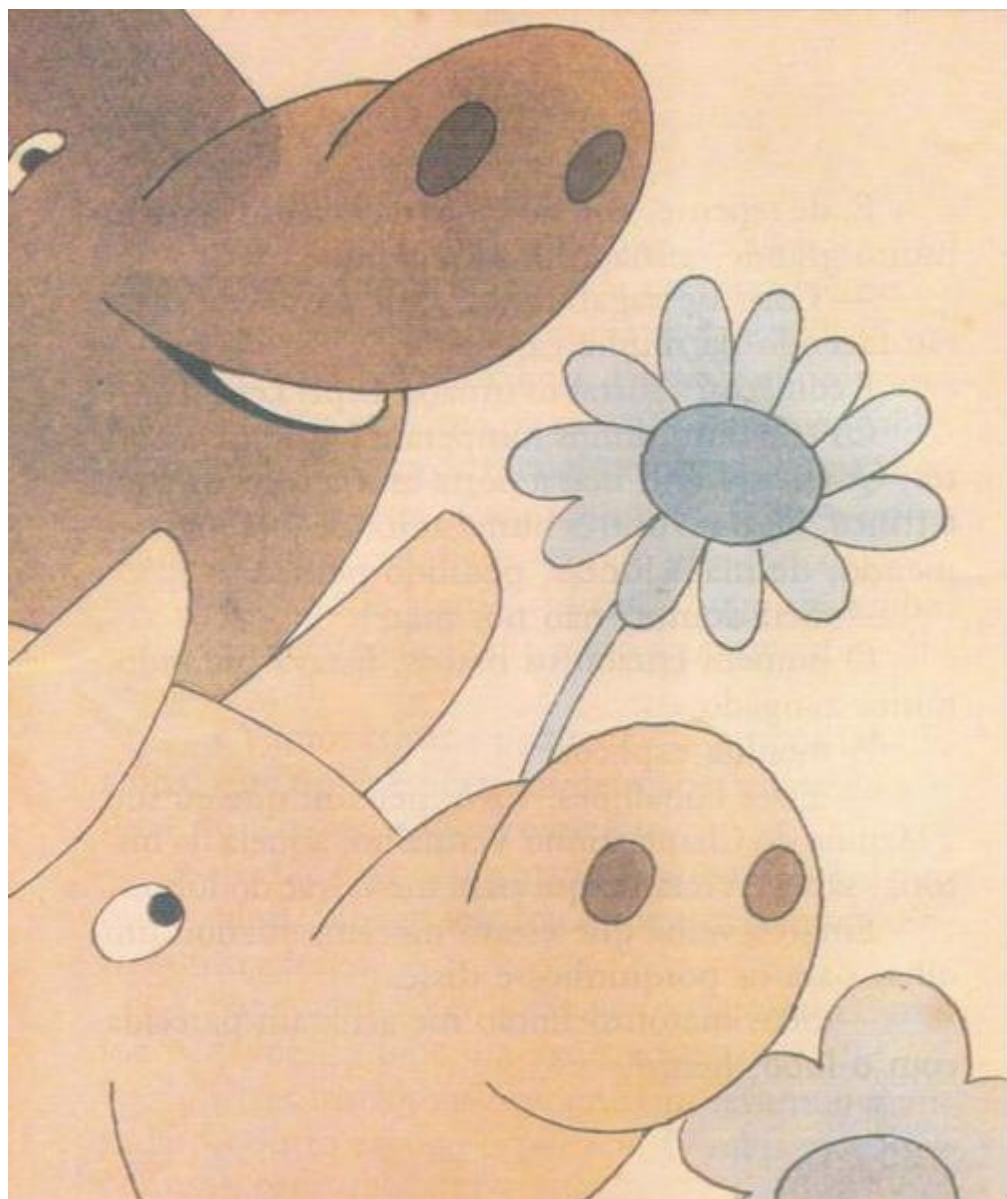
O homem cruzou os braços. Estava bufando, muito zangado.

A menina explicou:

- Esses bobalhães, vovô, pensam que eu sou a Menina do Chapeuzinho Vermelho, aquela da história, sabes? Vieram aqui para me salvar do lobo ...

Então a velha que estava na cama fuzilou um olhar para os porquinhos e disse.

- Seus marotos! Então me acharam parecida com o lobo, heim?



Os três parquinhos choravam. O homem do rebenque prometeu que não lhes faria nada se eles prometessem ficar morando direitinhos e comportados no seu chiqueiro. Os três irmãos prometeram.

E hoje lá vivem eles, sem pensar mais em aventuras. A Menina do Chapeuzinho Verde sempre vai ler-lhes histórias de heróis e exploradores.

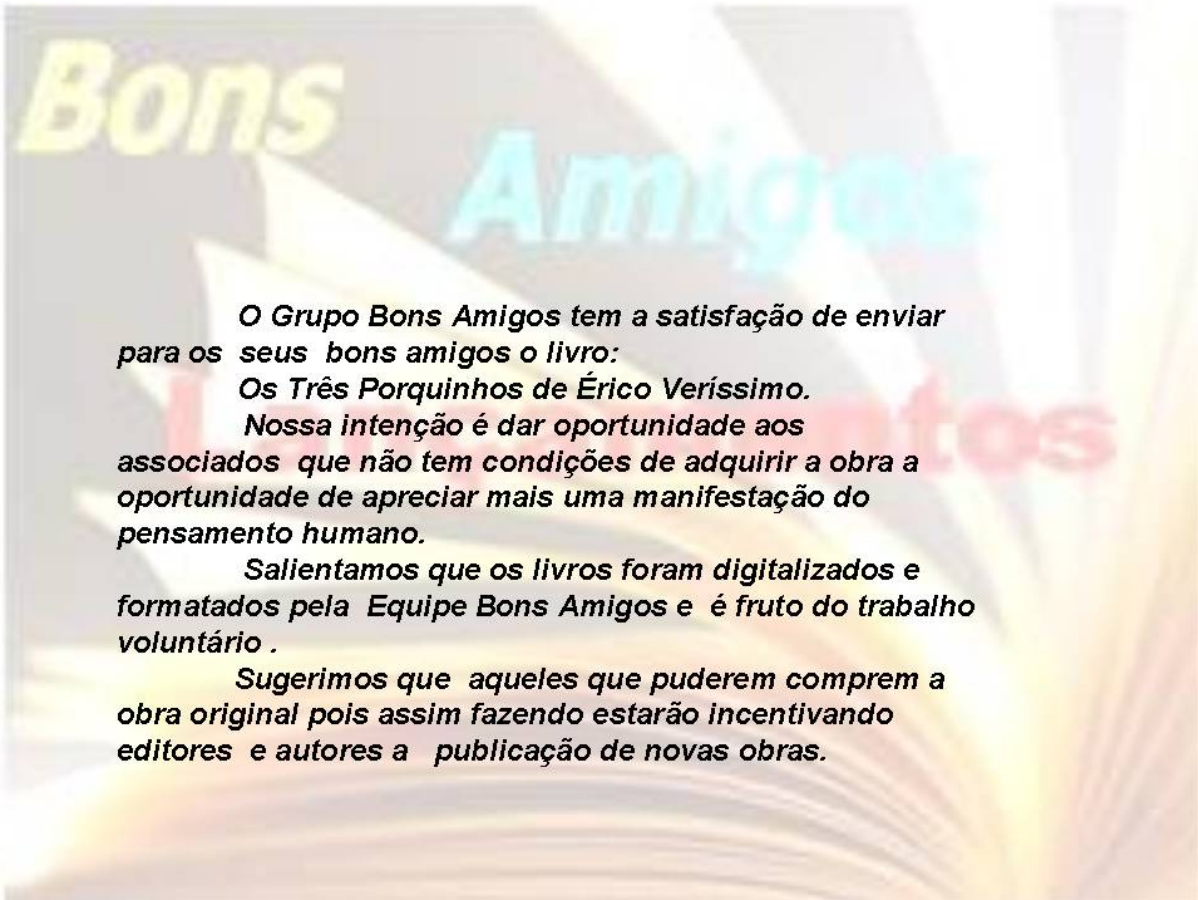
Sabugo, Salsicha e Lingüicinha estão muito satisfeitos. Sentem-se felizes.

E eu mesmo acho que a vida que eles levam agora no novo chiqueiro é mesmo muito boa.

Pelo menos enquanto não chegar o Nata!

COLEÇÃO ERICO VERISSIMO PARA CRIANÇAS

- As Aventuras do Avião Vennelho
 - A Vida do Elefante Basílio
 - O Urso com Música na Barriga
- Rosa Maria no Castelo Encantado
 - Os Três Porquinhos Pobres
 - Outra Vez os Três Porquinhos



O Grupo Bons Amigos tem a satisfação de enviar para os seus bons amigos o livro:

Os Três Porquinhos de Érico Veríssimo.

Nossa intenção é dar oportunidade aos associados que não tem condições de adquirir a obra a oportunidade de apreciar mais uma manifestação do pensamento humano.

Salientamos que os livros foram digitalizados e formatados pela Equipe Bons Amigos e é fruto do trabalho voluntário .

Sugerimos que aqueles que puderem comprem a obra original pois assim fazendo estarão incentivando editores e autores a publicação de novas obras.

Digitalização
Ana - Equipe Bons Amigos
Revisão
Bezerra - Equipe Bons Amigos

<http://grupobonsamigos.blogspot.com/>

